

Reflexões sobre Património Cultural

Reflections on Cultural Heritage



Organizadores

Fernando Magalhães, Jenny Sousa, Maria de São Pedro Lopes

Reflexões sobre Património Cultural

Reflections on Cultural Heritage

Fernando Magalhães, Jenny Sousa, Maria de São Pedro Lopes (Orgs.)



Título: Reflexões sobre Património Cultural / *Reflections on Cultural Heritage*

Organizadores: Fernando Magalhães, Jenny Sousa, Maria de São Pedro Lopes

Capa: Rui Lobo

Edição: Cics-Nova (Pólo de Leiria); Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – ESECS / Instituto Politécnico de Leiria – IPLeiria

ISBN: 978-989-8797-15-5

Projeto gráfico: Carlos Silva

Dezembro de 2017



Nota prévia

A presente publicação, intitulada *Reflexões sobre Património Cultural*, possui como objetivo primordial agregar um conjunto de textos científicos originais, de âmbito global, capazes de plasmarem a grande variedade e riqueza da temática.

Os capítulos que seguidamente se apresentam, expõem o resultado de um conjunto diversificado de investigações em torno do património cultural, perpassando diferentes países, culturas e regiões. O objetivo consiste em contribuir para uma reflexão crítica e aprofundada sobre esta temática, num mundo global, tendo como epicentro a região de Leiria, uma das que mais concentra património classificado pela UNESCO, em Portugal, projetando-se a partir daqui para contextos mais variados e de âmbito global.

Pretendemos difundir perante a comunidade académica e científica um conjunto de reflexões sobre o património cultural, em que os textos apresentados se fundamentam num trabalho investigativo aprimorado, atual, crítico e valorativo.

Entenderemos o património cultural como uma conceção alargada e capaz de englobar não só a noção positivista de objeto material que, perdendo a função de uso, passa a ter um valor simbólico. O nosso conceito de património cultural segue então a classificação da UNESCO que, na sua *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*, o considera como:

“Os monumentos. – Obras arquitectónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os conjuntos. – Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitectura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os locais de interesse. – Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor

universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico” (Artigo 1 - Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural, 1972), indo mais além, de forma a incluir outras formas de expressão artística de valor social. Tal é a riqueza e a diversidade de capítulos apresentados que os podemos incluir na área geral de Estudos Culturais.

Os capítulos apresentados cumprem os critérios de rigor e de qualidade, não tendo sido anteriormente publicados. São, portanto, originais, e resultam da investigação de cada um dos seus autores, que se responsabilizam pela sua autenticidade.

Com o objetivo de garantir a qualidade científica dos conteúdos deste livro, recorremos ao processo de revisão dos textos, que foram submetidos a uma avaliação arbitral por pares categoriais. Cada texto foi submetido a dois avaliadores, da comunidade académica e científica internacional, de forma cega, recorrendo-se a um terceiro, em caso de discrepâncias assinaláveis entre a análise dos dois revisores do mesmo texto.

Foram tidos em conta os seguintes critérios na análise e seleção: originalidade do texto e sua organização; metodologias empregues; revisão da literatura (utilizada); qualidade dos resultados e coerência dos objetivos.

Todas as figuras, fotografias, imagens, gráficos e quadros analíticos são da responsabilidade dos autores dos respetivos textos.

Visto tratar-se de uma edição internacional, este livro apresenta-se com duas línguas oficiais, o português e o inglês. Por este motivo, apresentamos textos originais escritos em ambas as línguas.

Fernando Magalhães

CONHECER E DIVULGAR OS MANUSCRITOS ILUMINADOS DO MOSTEIRO DE ALCOBAÇA

Catarina Barreira - IEM FCSH UNL e CEHR UCP

Resumo

Este artigo apresenta um projeto de investigação de Pós Doutoramento, agora terminado, que estudou um conjunto de manuscritos iluminados produzidos no Mosteiro de Alcobaça. Começa por abordar as características dos trabalhos de investigação desenvolvidos em torno dos códices iluminados e das suas especificidades para em seguida se concentrar no trabalho de equipa desenvolvido por um conjunto de investigadores do Instituto de Estudos Medievais da FCSH UNL no aprofundamento do estudo e divulgação deste património.

É nossa intenção abordar as iniciativas diversificadas de divulgação e disseminação, pelos mais diversos públicos, do conhecimento científico produzido em contexto universitário, pelos referidos investigadores, num processo que se desenvolveu em estreita colaboração e parceria entre as instituições que têm os manuscritos à sua guarda, como a Biblioteca Nacional de Portugal, entre outras e o Mosteiro de Alcobaça.

I. Considerações iniciais

Pretende-se, neste texto, problematizar como se concretizou e desenvolveu a disseminação do conhecimento no âmbito de um projeto de investigação, financiado através de uma bolsa de Pós Doutoramento, atribuída pela Fundação para a Ciência e Tecnologia em 2010. O projeto, desenvolvido entre abril de 2011 e julho de 2017, no Instituto de Estudos Medievais²⁴ tinha como título “O papel desempenhado pelos fenómenos do nomadismo artístico e do portuguesismo na produção de códices iluminados no *scriptorium* de Alcobaça nos séculos XIV e XV” (ref^a SFRH/BPD/70067/2010).

Um dos objetivos centrais do projeto era o de darmos a conhecer, ao público em geral, este património, ainda desconhecido da maior parte das pessoas. Os livros manuscritos – pela sua natureza frágil e de conservação – não estão acessíveis ao público em geral, a

²⁴ O Instituto de Estudos Medievais (IEM) é uma unidade de investigação fundada em 2002 e tem como instituição de acolhimento a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É a única unidade de investigação em Portugal exclusivamente dedicada aos Estudos Medievais, com uma forte ênfase nas abordagens interdisciplinares e juntando áreas como a Arqueologia, a História, a História de Arte, a História da Música e a Literatura. O IEM foi avaliado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) em 2003 com a classificação de Muito Bom. Para mais informações consultar: <http://iem.fcsh.unl.pt/>

não ser através de exposições, dentro de vitrinas ou da visualização *online*, quando a sua digitalização se encontra disponível nos sites das instituições que detêm a sua guarda e conservação. Assim, através de várias estratégias de disseminação, tentámos levar a todos os públicos esta herança cultural única – os manuscritos iluminados do Mosteiro de Alcobaça - que, embora tenha uma matriz europeia, intimamente ligada com a cultura cisterciense no geral, revela especificidades ligadas ao contexto local e nacional (Nascimento, 1992; Nascimento, 2012a; Barreira, 2016d; Barreira *et al*, 2016f; Barreira, 2017).

A instituição de acolhimento do projeto, o Instituto de Estudos Medievais tem dois grandes grupos de investigação, que agregam as quase duas centenas dos seus investigadores: um, designado “Territórios e Poderes: uma perspectiva «glocal»” e o grupo “Imagens, Textos e Representações”. Este último tem um núcleo de investigadores – nomeadamente Historiadores da Arte - que se dedica ao estudo dos manuscritos iluminados, sob diversas perspectivas e metodologias. Este núcleo, iniciado por Maria Adelaide Miranda, uma das primeiras investigadoras em Portugal a estudar códices iluminados (Miranda, 1996) tem sido continuado nos últimos anos, maioritariamente por bolseiros da FCT, quer doutorandos, quer por investigadores doutorados a realizar os seus pós doutoramentos. A nossa ligação/integração a este núcleo ficou ainda mais fortalecida quando nos elegeram como coordenadora do grupo Imagens, Textos e Representações, nos inícios de 2015.

É nossa intenção apresentar e problematizar as estratégias usadas, ou seja, de que modo este projeto individual de Pós Doutoramento, em paralelo com as funções de coordenação, foram de encontro às principais missões da universidade, através das suas unidades de investigação: a produção do conhecimento e a sua disseminação junto da academia, mas em particular do conhecimento acessível a todo os públicos. Mas também perceber com se articulou com as instituições parceiras, em particular a Biblioteca Nacional de Portugal, que tem à sua guarda a maior parte dos manuscritos envolvidos e também o Mosteiro de Alcobaça, entre outras instituições.

1. O que é um manuscrito iluminado? Porque se estuda?

No contexto da História da Arte, da História e de outras ciências, quando nos referimos a um manuscrito iluminado, estamos a reportar-nos, na maior parte dos casos, ao livro

medieval que contém ornamentação e que foi totalmente confeccionado de forma artesanal, isto é, feito manualmente. A sua forma é a de códice, ou estrutura constituída por um conjunto de fólhos, em pergaminho (pele de animal – ovelha, cabra ou vaca - que passou por um processo complexo, com várias etapas, para receber a escrita e a imagem) agrupados de forma estável e com uma cobertura para proteção (Nascimento e Diogo, 1984; Fery-Hue, 2013; Correia, 2016, p. 39). Assim, os fólhos em pergaminho, agrupados entre si para formarem cadernos, associam-se ainda através de nervos e costuras, e a sua solidez ficava assegurada através de uma encadernação, geralmente em tábuas de madeira, revestidas ou não a pele curtida e por vezes decoradas (Lanoë, 2013).

Ao longo da Idade Média, o códice, muito por causa da sua estabilidade física e da sua portabilidade, foi o suporte de escrita preferencial na transmissão textual, ou seja, um instrumento cultural significativo que veio assim substituir o rolo da Antiguidade. E inaugurou uma nova relação com o leitor, quer através da escrita, quer da imagem e cuja acessibilidade e consulta estava assim mais facilitada. Cada fólho era cuidadosamente planeado, nomeadamente a mancha de texto e a articulação entre esta e as áreas reservadas para a ornamentação/imagens (Nascimento, 2012b; Nascimento, 2012c; Nascimento, 2016).

Nos manuscritos iluminados, a relação entre texto e ornamentação é muito estreita e hierarquizante: os textos começam com uma grande inicial, historiada, ornada ou folheada, ou com um frontispício iluminado, os capítulos ou outras divisões internas estão assinaladas com iniciais mais pequenas, mais discretas em termos ornamentais e os parágrafos são também assinalados por capitulares ainda menores (Nascimento, 2012b, p. 323). De modo geral, as rubricas eram escritas a cor vermelha.

Tudo no códice manuscrito pode ser objeto de estudo, desde a organização da página, o tipo de escrita, o conteúdo do texto, a ornamentação iluminada e os materiais usados para a sua realização (Nascimento, 2012b, pp. 319 e 320; Fery-Hue, 2013; Stirnemann, 2013), a encadernação, e nesta podemos observar as suas características e materiais (Nascimento e Diogo, 1984; Nascimento, 1985; Lanoë 2013), mas só por momentos podemos isolar os elementos a estudar uns dos outros: cada manuscrito medieval é único e singular e a significação dos referidos elementos, nomeadamente da iluminura,

só se apreende “quando se coloca em relação com o texto a que está associada e dentro do suporte de que ambos fazem parte” (Nascimento, 2012b, p. 320).

Como referimos, tudo no manuscrito iluminado pode ser objeto de estudo e ao refletirmos e desmontarmos esse processo complexo de planeamento e de construção, em articulação com o estudo do seu conteúdo textual, estamos a aceder ao contexto histórico e cultural da sua produção (Nascimento, 2016). Mas ainda nos falta mencionar o uso, o seu percurso, a sua relação, ao longo dos séculos, com os seus usufrutuários e leitores. A produção de códices iluminados em Portugal aconteceu maioritariamente em *scriptoria* de mosteiros e conventos (Cardoso, 2016; Barreira, 2017), para uso da própria comunidade (quer em relação a códices de uso litúrgico, imprescindíveis ao funcionamento das mesmas, quer no que concerne a textos edificantes, destinados a leituras coletivas ou individuais), embora também possamos mencionar manuscritos produzidos noutros tipos de *scriptoria*, como os laicos ou os de corte, como aconteceu com os reinados de D. Duarte e D. Afonso V (Gomes, 2006, p. 153; Tibúrcio, 2016).

Voltando aos mosteiros e conventos, o que liam os monges? Que tipo de manuscritos eram copiados e em que épocas? Que marcas deixaram os seus leitores ao longo dos seus fólhos? Ao estudarmos a constituição das livrarias, quer monásticas, quer de leigos, estamos a “dialogar” com os seus utilizadores e leitores (Nebbiai, 2013, pp. 15 e 16; Barreira *et al*, 2016f). No que concerne às livrarias, é interessante percebermos a origem, a proveniência dos códices que as constituem e também as suas condições de receção por parte das comunidades e/ou leitores. É que o processo de cópia de um texto pode implicar saber ler, mas compreender o texto, aceder ao seu conteúdo, ao seu sentido simbólico, era outra coisa, outro tipo de experiência que envolve outros mecanismos, não era um ato passivo.

Neste percurso do livro enquanto instrumento de cultura, para além da importância e do prestígio que o mesmo adquire em contexto monástico, há outros dois momentos a destacar: o primeiro aconteceu com o nascimento da universidade nos inícios do séc. XIII (Verger, 2013, pp. 27 a 32; Gorochoy, 2013, p. 49) onde assistimos ao aparecimento de *ateliers* laicos destinados à produção de códices em quantidade suficiente para uso de mestres e estudantes²⁵, especializados na produção de

²⁵ Sobre o método de cópia mais usado na produção destes manuscritos (manuscritos feitos à *pecia*), ver Pereira, 1973; Murano, 2005; Barreira 2016c;

manuscritos de uso universitário (Barreira, 2016c). Os códices universitários são ligeiramente distintos dos outros códices: o texto divide-se em duas colunas de texto e apresenta-se muito resumido e compacto, numa mancha densa, com os espaços interlineares usados para as glosas, com margens largas para os utilizadores tomarem notas e apontamentos, fazerem esquemas e desenhos que guiam e ajudam o leitor a memorizar (Nebbiai, 2013, pp. 117 a 148; Weijers, 2015, p. 175 e seguintes; Carruthers, 2013, p. 309). Na margem superior, situa-se o leitor, indicando o número do livro (ou parte), ou o capítulo. E embora não seja uma “invenção” dos manuscritos universitários, os índices ou tábuas de capítulos desenvolvem-se nesta altura e são uma presença obrigatória nos manuscritos universitários: é a acessibilidade ao conhecimento que é necessário fazer, de forma rápida e eficiente.

Embora existam exceções, também a decoração iluminada de um manuscrito universitário era sóbria: pretende maioritariamente assinalar grandes partes, secções, capítulos e o seu início e/ou prólogo. O custo destes códices variava muito consoante o tipo e complexidade da decoração iluminada e os materiais da mesma: por exemplo, o uso da folha de ouro ou do lápis-lazúli encarecia o preço de custo (Pereira, 1973; Barreira, 2016c). Mas os textos a copiar também mudam e podemos falar de verdadeiros *best-sellers* nesta época, como por exemplo, *Os quatro livros das Sentenças*, da autoria de Pedro Lombardo, um texto que os estudantes deveriam comentar, necessário à prossecução dos estudos em Teologia (Rosemann, 2007; Angotti, 2007; Saccenti, 2013; Borgo, 2013; Barreira, 2015; Barreira, 2016b; Barreira 2016c). Em contexto universitário desenvolvem-se também outras áreas do saber, como o Direito (Civil e Canónico) e a Medicina (Weijers, 2015, pp. 41 e 42). Por esta altura, no 1º terço do séc. XIII, a Bíblia passa a ser uma “ferramenta de estudo, no contexto da Universidade” (Weijers, 2015, p. 41; Sousa, 2015, p. 24) e também se adapta às novas exigências de uso, reduzindo as dimensões, através do uso do velino (um pergaminho muito fino) e da diminuição do tamanho do texto, fixando a ordem dos livros e tudo isto num só códice, em vez dos vários volumes que caracterizaram as centúrias anteriores. A sua procura aumentou exponencialmente e também estes manuscritos começaram a ser produzidos por *ateliers* laicos, de modo a responder eficazmente à elevada procura e às exigências da clientela no que diz respeito à decoração iluminada (Sousa, 2015).

O segundo momento acontece mais tarde, já no âmbito das novas correntes de religiosidade do séc. XV, nomeadamente com a *devotio moderna*: nesta época assistimos à proliferação de *ateliers* laicos, agora especializados em Livros de Horas, entre outros manuscritos, cujos destinatários eram nobres e outras clientelas abastadas com poder de compra para adquirir este tipo de códice, cujo preço variava de acordo com o número de iluminuras de página inteira e da sua complexidade iconográfica e formal, mas também dos materiais usados, como a folha de ouro, muitos deles fruto das mãos de artistas e de grandes mestres. Estes códices eram instrumentos de devoção privada, cujos destinatários eram maioritariamente leigos (Araújo *et al*, 2016; Lemos, 2012; Lemos, 2013) embora também os possamos documentar nas mãos de religiosos e/ou nas livrarias de mosteiros e conventos.

2. Estudar hoje manuscritos iluminados

Uma grande parte dos manuscritos iluminados está à guarda de instituições como a Biblioteca Nacional de Portugal, a Biblioteca Pública Municipal do Porto, no Arquivo Nacional Torre do Tombo, na Biblioteca da Ajuda, na Biblioteca Pública de Évora, entre outras. Estas instituições não se limitam a “ter” os manuscritos guardados, mas tratam da sua salvaguarda, conservação, divulgação, valorização, do acesso etc. preservando este importante património cultural para as gerações vindouras. Nos últimos anos, as instituições têm investido na digitalização dos códices e na sua disponibilização *online*, o que favorece a sua internacionalização e o acesso a todos os que se interessam por este património, no entanto, o investigador tem sempre de consultar o manuscrito. A observação direta do mesmo e os dados que recolhe da consulta, do seu manuseamento, fornecem um conjunto de informações que são imprescindíveis para a construção do conhecimento sobre o mesmo e que não estão acessíveis num *écran*, por mais qualidade que a digitalização tenha. Assim, as instituições que têm os códices à sua guarda têm um papel fundamental nas investigações e no desenvolvimento dos projectos individuais de doutoramento e de pós doutoramento, ao facilitar o acesso e a consulta dos livros manuscritos: sem o seu apoio, estas investigações não seriam possíveis. Portanto, podemos dizer que, para quem estuda manuscritos, tudo começa no momento da consulta do códice, do contacto físico e da observação do mesmo. Só assim o investigador acede e recupera o momento de

planeamento do manuscrito, dos seus fólhos, da mancha de texto e do seu conteúdo, da sua ornamentação e da sua encadernação. E também do seu tempo de uso, através da observação e descrição, por exemplo, quer das notas marginais, quer das adições, entre outros elementos (Nascimento, 2016; Barreira, 2017). O que não significa que o registo de imagens e a consulta *online* não sejam úteis ao investigador, bem pelo oposto. Mas nada substitui o contacto direto com o manuscrito.

Ainda no âmbito das considerações metodológicas, já vai longe o tempo em que estudar códices iluminados, no âmbito da história da arte, era estudar somente as suas iluminuras, independentemente do seu suporte, da sua localização e da sua relação com o texto. Por exemplo, durante décadas, o estudo de códices de uso litúrgico ou era feito por historiadores da arte, que se dedicavam exclusivamente ao estudo e interpretação das imagens do manuscrito, geralmente privilegiando a análise iconográfica e formalista (esquecendo a relação das imagens e da decoração iluminada com a liturgia) ou por especialistas em liturgia (que secundarizavam o papel da imagem em relação com o texto). Destacamos o trabalho desenvolvido por Éric Palazzo (Palazzo 1998, pp. 65 a 69; Palazzo 2000) que, no âmbito dos estudos litúrgicos, indagava acerca da metodologia adequada para ler uma imagem cujo suporte era um objecto de uso litúrgico. Para Palazzo, os historiadores da arte tinham-se concentrado quase exclusivamente no ponto de vista da funcionalidade da imagem e os liturgistas interpretavam as imagens como ilustrações decorativas e belas de um ritual, ou seja, perspectivas bastante redutoras (Palazzo 2000, pp. 150 a 152). O autor chamava assim a atenção dos investigadores para não interpretarem as imagens medievais presentes nas celebrações litúrgicas como ilustrações diretas dos textos que lhe dizem respeito: as imagens participam da ação litúrgica através da sua materialidade, em relação a um contexto complexo, onde coexistem vários níveis de interpretação da imagem em relação com a liturgia, numa análise que dela não pode ser separada (Palazzo 2000, p. 153; Barreira, 2016e, p. 619). A imagem não se pode compreender isolada porque “la fonction de l’image dans les livres liturgiques comprend (...) différents aspects complémentaires” (Palazzo 2000, p. 164).

A complexidade que envolve a investigação dos códices iluminados fez com se desenvolvessem os estudos colaborativos entre várias áreas e especialistas, que vão desde o historiador, passando pelos especialistas em liturgia, latim, paleografia,

literatura, etc. A origem/contexto de produção e o contexto de utilização dos códices iluminados é determinante para definir o perfil de uma equipa de investigação, como aconteceu num projeto sobre iluminura hebraica²⁶, desenvolvido recentemente em Portugal, entre historiadores da arte e especialistas em cultura e língua hebraica, entre outros especialistas.

Mas também entre especialistas de áreas distantes, como a História de Arte e a Química, um cruzamento que, a partir do último quartel do século passado teve um impulso significativo (Coupry, 2006), mas que nasceu meio século antes, com D. V. Thompson (Cavero, 2016, p.133). Neste âmbito, as investigações em torno dos manuscritos iluminados têm vindo a desenvolver-se nos últimos anos em Portugal também através de estudos interdisciplinares, com investigadores de áreas como a Química, a Conservação e Restauro, a trabalhar com os historiadores da arte²⁷. A análise molecular dos pigmentos que constituem as tintas das iluminuras de um conjunto de manuscritos de três *scriptoria* portuguesas foi o tema de três projetos de investigação financiados pela FCT²⁸ e que deram origem a várias publicações (Miranda *et al*, 2008; Miranda e Melo, 2014).

Para além do estudo em torno dos três *scriptoria*, este trabalho interdisciplinar entre o historiador da arte, o especialista em Química e o conservador-restaurador tem dado frutos muito positivos no âmbito do estudo de manuscritos com origem noutros contextos, como por exemplo, os Livros de Horas, quer na sua atribuição a determinado *atelier*, quer nos contributos da História da Arte e do estudo dos textos para os processos de intervenção realizados no âmbito de ações de conservação e restauro dos Livros de Horas da Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra (Lemos *et al*, 2015; Lemos, 2012).

Da importância dos estudos interdisciplinares entre as Ciências Sociais e Humanas e a Ciências Experimentais e do seu desenvolvimento nasceu a ideia para a

²⁶ Coordenado por Luís Urbano Afonso (Artis - FL UL) “Hebrew illumination in Portugal during the 15th century” (PTDC/EAT-HAT/119488/2010). In <http://hebrewilluminationinportugal.weebly.com/>

²⁷ Desenvolvida em dois grandes laboratórios em Portugal: REQUIMTE, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e no HÉRCULES, na Universidade de Évora.

²⁸ Os três tiveram como investigadora responsável Maria João Melo (FCT UNL) e a participação de Adelaide Miranda (IEM FCSH UNL) entre outros investigadores: “Colour in medieval illuminated manuscripts: Between beauty and meaning” (PTDC/EAT-EAT/104930/2008); “*The identity of Portuguese medieval manuscript illumination in the European context*” (PTDC/EAT/65445/2006) e “An interdisciplinary approach to the study of colour in Portuguese manuscript illuminations” (POCTI/EAT/33782/2000).

realização de um número temático, de uma revista internacional, coordenado por uma investigadora a desenvolver o seu projeto de Pós Doutoramento no IEM²⁹, que reúne artigos dedicados a vários objetos de estudo medievais, desde manuscritos iluminados, a azulejos, vidro, etc. (Cavero, 2016) no qual tivemos a honra de participar (Barreira *et al*, 2016f).

3. Estratégias de disseminação do conhecimento junto de públicos não-académicos

Como é que as investigações desenvolvidas em contexto universitário, principalmente as financiadas através de bolsas individuais de doutoramento e de pós doutoramento, transferem para a sociedade o conhecimento adquirido, em ordem a valorizar este património? Que estratégias são usadas para divulgar o trabalho desenvolvido junto de públicos não-académicos e assim dar a conhecer o que de mais relevante se tem feito no estudo da iluminura e dos códices que estão em Portugal? Uma das principais estratégias utilizadas para estreitar a ligação entre a investigação desenvolvida nas universidades, através dos seus centros de investigação, e os cidadãos em geral, faz-se por meio de iniciativas como seminários e conferências, publicações, entre outras.

A organização de ciclos de seminários e conferências abertos ao público em geral, com temas apelativos, com os investigadores a fazerem apresentações de carácter pedagógico, sem nunca perder o rigor científico, é um tipo de atividade que tem tido resultados muito positivos, como aconteceu com o ciclo de seminários *Um mês/Um códice iluminado*, uma iniciativa conjunta entre o Instituto de Estudos Medievais e a Biblioteca Nacional de Portugal, e que contou com a nossa coordenação científica. Este ciclo, que decorreu entre março de 2013 e outubro de 2014, num total de 17 sessões, teve como principal objetivo divulgar e aproximar o público do património da Biblioteca Nacional e da Biblioteca da Ajuda³⁰. Contou com a participação de um conjunto de professores e investigadores especialistas nas mais diversas áreas e campos

²⁹ Alicia Miguélez Cavero foi, em 2016, *guest editor* de um nº especial do *Journal of Medieval Iberian Studies: Looking Ahead: New Approaches to Medieval Iberian Heritage*. Dois anos antes já havia coordenado, com Adelaide Miranda, um livro sobre o panorama português no que diz respeito aos estudos sobre manuscritos iluminados em Portugal: *Portuguese Studies on Medieval Illuminated Manuscripts. New approaches and methodologies*, Brepols, 2014.

³⁰ Programa disponível, bem como os resumos das sessões, no site da BNP: http://www.bnportugal.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=787:ciclo-de-seminarios-um-mes-um-codice-iluminado-2013-2014&catid=163:2013&Itemid=816.

do saber, desde a História da Arte, à Literatura, à Música, passando pela Conservação e Restauro e pelo estudo molecular da cor das iluminuras.

O desafio colocado ao responsável (ou responsáveis) pela sessão centrou-se na problematização de um ou mais manuscritos iluminados escolhidos que integrassem o *corpus* de estudo da sua investigação. Os seminários, que tiveram lugar na Biblioteca Nacional ou na Biblioteca da Ajuda, pretendiam não só dar a conhecer ao público não especializado o património cultural que as duas instituições têm à sua guarda, mas também familiarizar a audiência com as várias investigações em curso através da importância histórica e cultural dos livros, da sua transmissão e da sua circulação enquanto testemunhos vivos e privilegiados, quer de origem manuscrita, quer impressos. O leque cronológico que esta iniciativa abarcou foi desde os testemunhos manuscritos do século XII aos finais do século XVI, incluindo também o livro impresso e compreendeu vários tipos de texto, desde a Bíblia aos seus comentários, (a) o texto de uso litúrgico, o discurso das *auctoritates*, o texto universitário, o texto destinado ao canto trovadoresco, o texto científico ligado à medicina, não esquecendo os livros de horas.

Destacamos dois aspectos significativos desta iniciativa: o primeiro é o facto de resultar do trabalho de equipa entre professores e investigadores já com longas carreiras universitárias e de jovens investigadores no início de carreira, bastante promissores, diga-se. O segundo aspeto é que o manuscrito ou manuscritos em análise estavam expostos, o que permitia o contacto visual com o objeto de estudo. Em simultâneo com o seminário, acontecia a sua disponibilização *online*, através de digitalização, no site da Biblioteca Nacional, tornando a sua consulta acessível a todos. Resta-nos dizer que a audiência dos seminários, ao longo de mais de um ano e meio, correspondeu e excedeu as expectativas: o grande objetivo fora atingido.

Do êxito do ciclo e do interesse demonstrado pelo público nasceu a ideia de uma publicação, caracterizada pela mesma acessibilidade. E foi assim que, em finais de 2016 se publicou o livro, em formato e-book, *Luz, cor e ouro. Estudos sobre manuscritos iluminados*, uma edição da Biblioteca Nacional de Portugal e do IEM (Barreira, 2016a). Os artigos publicados não correspondem *tout court* à apresentação do seminário: na sua maioria, os textos escritos resultaram do avanço das investigações, da introdução de novos dados, enfim, da atualização e da dinâmica inerente à produção do conhecimento

científico. E tal como havia ocorrido com os seminários, foi pedido aos autores que tornassem o seu texto acessível a um tipo de público mais alargado, não académico, embora sem jamais diminuir o rigor científico, quer da apresentação dos dados, quer da sua problematização. Por termos coordenado os seminários, coube-nos também a recolha dos textos e a coordenação do livro, tarefa que abraçámos com muito gosto, enquanto responsáveis, mas também autoras de um dos textos³¹.

Para além do ciclo e do livro, lançamos ainda, em início de 2017, um *site*, uma base de dados online - *Projecto ManuscriPT. Manuscritos Iluminados em Portugal*³², com as informações detalhadas dos manuscritos envolvidos no ciclo *Um mês/Um códice iluminado* que, embora esteja ainda a dar os primeiros passos, pretende também divulgar o trabalho desenvolvido. É objetivo do projeto disponibilizar, aos investigadores e ao público em geral, um conjunto de informações respeitantes à descrição dos códices e do seu conteúdo – Fichas Científicas de Manuscritos – a partir da análise dos manuscritos iluminados das instituições mencionadas. Não é um trabalho terminado, mas um *work in progress*, que vai sendo alimentado à medida que o trabalho se for desenvolvendo, através da disponibilização das fichas.

Entretanto, em paralelo, tivemos o privilégio de acompanhar de muito perto uma outra edição, começada em 2014 e lançada no ano seguinte, e na qual também participámos, quer enquanto membro da comissão científica, quer como responsáveis por um artigo³³. Esta edição, um número especial da Revista *Invenire*³⁴, intitulada *Fiat Lux. Estudos*

³¹ "A importância de um manual universitário na abadia de Alcobaça: os quatro livros das Sentenças de Pedro Lombardo (Alc. 417)", in Barreira, Catarina Fernandes (Coord.): *Luz, cor e ouro. Estudos sobre manuscritos iluminados*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2016, p. 133 – 154.

³² *Projecto ManuscriPT. Manuscritos Iluminados em Portugal* é um projeto que tem como instituição de acolhimento o Instituto de Estudos Medievais (IEM) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Instituições parceiras: Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca da Ajuda e o Departamento de Conservação e Restauro da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Conta com a coordenação científica de Ana Lemos, Conceição Casanova e Luís Ribeiro, para além de nós, em parceria com a Biblioteca Nacional de Portugal e a Biblioteca da Ajuda. In: <http://www.fcsh.unl.pt/manuscript/pt/projecto/>.

³³ "Os Livros das Sentenças de Pedro Lombardo na Biblioteca de Alcobaça", in *Invenire. Fiat Lux. Estudos sobre manuscritos iluminados em Portugal*. Revista de Bens Culturais da Igreja, nº especial, 2015, pp. 32 - 39.

³⁴ A *Invenire* é uma revista semestral, editada, desde 2010, pelo Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja (Conferência Episcopal Portuguesa) e que se dedica a informar sobre o património cultural, artístico e documental da Igreja Católica em Portugal, articulando a informação com estudos de natureza científica e original, in <http://www.revistainvenire.pt/>.

*sobre manuscritos iluminados em Portugal*³⁵ foi totalmente dedicada, como o título o indica, a manuscritos iluminados que se encontram em Portugal, com artigos a incidir sobre vários tipos de manuscritos, de diversas origens (desde Bíblias e comentários bíblicos, a manuscritos de uso litúrgico, manuscritos de origem hebraica, crónicas e livros de horas, de várias cronologias). Este número da revista teve um grande acolhimento por parte do público, nacional (mas também internacional) que o seu lançamento, no Porto e em Lisboa, fazia prever. Mais uma vez, a responsabilidade dos artigos coube a investigadores “de carreira”, a investigadores de pós doutoramento e a jovens investigadores, a apresentar as investigações no âmbito dos seus doutoramentos. Na sua maioria participaram quase todos os investigadores que haviam participado no livro *Luz, Cor e Ouro*.

Como é fácil concluirmos, pelo panorama apresentado, as iniciativas apresentadas agregavam os trabalhos de vários investigadores do referido núcleo de iluminura do Instituto de Estudos Medievais, embora contassem também com a participação de investigadores de outras instituições e centros de investigação. E apesar de participarmos sempre, com contribuições relacionadas com a nossa investigação, faltava agora uma iniciativa de disseminação relacionada diretamente com o nosso projeto de Pós Doutoramento, ou seja, exclusivamente dedicada aos manuscritos iluminados produzidos no Mosteiro de Alcobaça.

E foi assim que surgiu, já neste ano de 2017, o ciclo de conferências *Os Manuscritos no Mosteiro de Alcobaça*, uma iniciativa promovida pela Direção Geral do Património Cultural/Mosteiro de Alcobaça³⁶ em parceria com o Instituto de Estudos Medievais e que contou, mais uma vez, com a nossa coordenação científica e participação³⁷. O grande objetivo era divulgar, junto do grande público, as investigações que se têm vindo a desenvolver mais recentemente sobre os códices de Alcobaça, um património que é parte fundamental da comunidade cisterciense de Alcobaça, num total de cinco sessões constituídas por duas conferências e dez investigadores envolvidos. Este ciclo tem

³⁵ *Invenire. Fiat Lux. Estudos sobre manuscritos iluminados em Portugal*, Revista de Bens Culturais da Igreja, nº especial, 2015, ISSN 1647-8487.

³⁶ Programa disponível na página do Mosteiro, in <http://www.mosteiroalcobaca.gov.pt/pt/index.php> e no site do IEM <http://iem.fcsh.unl.pt/section.aspx?kind=noticia&id=1202>

³⁷ Responsável, com Luís Miguel Rêpas, da 4ª conferência, que teve lugar a 23 de junho: *Reconstituição de uma procissão pelos defuntos no Mosteiro de Alcobaça, a partir de um manuscrito descoberto em Salzedas*.

também prevista uma edição, a lançar no próximo ano, com os textos das conferências, da responsabilidade do Mosteiro de Alcobaça.

Terminamos enfatizando o papel das instituições que trabalharam connosco, instituições parceiras dos nossos projectos de investigação individuais, mas também parceiras das nossas atividades: cabe aqui um agradecimento especial a todas as bibliotecas envolvidas, com particular destaque para a Biblioteca Nacional de Portugal, na pessoa da sua Diretora, a Dr.^a Inês Cordeiro que, ao longo dos últimos seis anos, teve um papel fundamental para o desenvolvimento dos vários projectos, como ficou patente no texto. Também um agradecimento especial para o Mosteiro de Alcobaça e para a sua Diretora, Dr.^a Ana Pagará, no apoio e empenho na realização do ciclo de conferências.

Em jeito de Notas finais, e do que aqui foi apresentado, é fácil concluirmos que, nas estratégias de disseminação, se privilegiou o trabalho de grupo, desenvolvido em equipa e em parceria estreita com as instituições. Claro que cada um de nós dedicou uma grande parte do seu tempo aos artigos com revisão por pares e às participações em congressos nacionais e internacionais especializados, entre outras iniciativas, mas o empenho e dedicação com que todos participámos nas atividades referidas, e não só (por questões de espaço, não foram mencionadas todas as atividades), no contacto direto com os diversos públicos com que interagimos, constituiu uma experiência única e a desenvolver no futuro.

Bibliografia

- Angotti, Claire (2007). Les débuts du Livre des Sentences comme manuel de théologie à l'Université de Paris in *Université, Église, Culture. L'Université Catholique au Moyen-Âge*, Actes du 4ème Symposium, Katholieke Universiteit Leuven, pp. 57 – 124.
- Araújo, Rita, Casanova, Conceição e Lemos, Ana (2016). “Estudo das encadernações de dois livros de horas da BNP: Il. 15 e Il. 19 in *Luz, cor e ouro. Estudos sobre manuscritos iluminados*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, pp. 201 – 213.
- Barreira, Catarina Fernandes (2015). "Os Livros das Sentenças de Pedro Lombardo na Biblioteca de Alcobaça", in *Invenire. Fiat Lux. Estudos sobre manuscritos iluminados em Portugal*. Lisboa: Revista de Bens Culturais da Igreja, nº especial, pp. 32 - 39.
- Barreira, Catarina Fernandes (2016a). *Luz, cor e ouro. Estudos sobre manuscritos iluminados*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal/IEM, 338 páginas.
- Barreira, Catarina Fernandes (2016b). "A importância de um manual universitário na abadia de Alcobaça: os quatro livros das Sentenças de Pedro Lombardo (Alc. 417)", in *Luz, cor e ouro. Estudos sobre manuscritos iluminados*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, p. 133 – 154.

- Barreira, Catarina Fernandes (2016c). “Manuscritos universitários para o estudo da Teologia na livraria do Mosteiro de Alcobaça” in *Lusitânia Sacra: Mobilidades medievais. Carreiras, Projectos, Realizações*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica, 2ª série, Tomo XXXIII, pp. 99 – 128.
- Barreira, Catarina Fernandes (2016d). “Questões em torno da unanimidade litúrgica no Mosteiro de Alcobaça – séculos XIII a XV” in *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura, Universidade de Coimbra, nº 16, p. 33-54.
- Barreira, Catarina Fernandes (2016e). "O martírio de Santo Estevão em três manuscritos iluminados da abadia cisterciense de Alcobaça", in *Anuario de Estudios Medievales*, 46/2, julio-diciembre 2016, p. 617-649.
- Barreira, Catarina Fernandes, Melo, Maria João, Araújo Rita e Casanova, Conceição (2016f). “Through the eyes of Science and Art: a fourteenth century winter Breviary from Alcobaça scriptorium” in *Journal of Medieval Iberian Studies. Looking Ahead: New Approaches to Medieval Iberian Heritage*, Vol. 8, Nº 2, Special Issue, Routledge, pp. 252 – 282.
- Barreira, Catarina Fernandes (2017). “Abordagem histórico-artística a dois manuscritos litúrgicos do scriptorium do Mosteiro de Alcobaça do último quartel do século XII ou o início de “huma livraria copiosa” in *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, Centro de História da Sociedade e da Cultura, Universidade de Coimbra, nº 17 (no prelo).
- Borgo, Marta (2013). "L'enseignement des *Sentences* pendant la première moitié du XIIIe siècle" in *Les Débuts de l'enseignement universitaire à Paris (1200 – 1245 environ)*. Turnhout: Brepols, pp. 294 – 314.
- Cardoso, Paula (2016). “Uma cultura visual para o feminino? Iluminura nos mosteiros dominicanos femininos do século XVI: o estado da questão.” In *O fascínio do Gótico. Um tributo a José Custódio Vieira da Silva*. Lisboa: Artis, Faculdade Letras Universidade de Lisboa, pp. 185 – 200.
- Carruthers, Mary (2013). *The Book of Memory. A study of Memory in Medieval Culture*. Cambridge: Cambridge University Press
- Cavero, Alicia Miguélez (2016). “Looking ahead: new approaches to medieval Iberian heritage” in *Journal of Medieval Iberian Studies. Looking Ahead: New Approaches to Medieval Iberian Heritage*, Vol. 8, Nº 2, Special Issue, Routledge, pp. 131 – 147.
- Chastang, Pierre, “L'archéologie du texte médiéval » Autour de travaux récents sur l'écrit au Moyen Âge, *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 2008/2 63e année, pp. 245-269.
- Correia, Inês (2016). “O manuscrito medieval enquanto códice” in *Luz, cor e ouro. Estudos sobre manuscritos iluminados*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, pp. 39 - 45.
- Coupry, Claude (2006). “D'une science à l'autre: Chimie et manuscrits médiévaux. Étapes d'une évolution.” In *Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre*, BUCEMA [En ligne], 10/2006, in <http://cem.revues.org/462> (consultado 10/11/2015).
- Falmagne, Thomas (2000). "Le réseau des bibliothèques cisterciennes" in *Unanimité et diversité cisterciennes. Filiations - Réseaux - Relectures du XII au XVII siècle*, Saint-Étienne, Publications de l'Université de Saint-Étienne, 195 – 222.
- Fery-Hue, Françoise (2013). “L'organisation du volume” in *Lire le manuscrit médiéval*. Paris: Armand Colin, pp. 53 – 70.
- Géhin, Paul (Coord.) (2013). *Lire le manuscrit médiéval*. Paris: Armand Colin

- Gomes, Saul A. (2006). D. Afonso V. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Gorochoy, Nathalie (2013). “Le milieu universitaire à Paris dans la première moitié du XIIIe siècle” in *Les Débuts de l’enseignement universitaire à Paris (1200 – 1245 environ)*. Turnhout: Brepols, pp. 49 – 61.
- Lanoë, Guy (2012). “La reliure” in *Lire le manuscrit médiéval*. Paris: Armand Colin, pp. 229 – 249.
- Legendre, Olivier (2008). “Some Tools for Dating and Localizing Manuscripts”, *Journal of the Early Book Society for the Study of Manuscripts and Printing History*, nº 11, Pace University Press, New York, 181-196.
- Lemos, Ana (2012). *Os Livros de Horas iluminados do Palácio Nacional de Mafra*. Mafra: Palácio Nacional de Mafra e IEM.
- Lemos, Ana (2013). “Algumas considerações sobre os livros de horas do século XV de origem francesa em bibliotecas e instituições portuguesas” in *D. Álvaro da Costa e sua descendência, séculos XV-XVII: poder, arte e devoção*. Lisboa: Editora Caminhos Romanos, IEM e CHAM, pp. 179 – 190.
- Lemos, Ana, Araújo, Rita e Casanova, Conceição (2015) “O cofre 24: um livro de Horas do Palácio Nacional de Mafra, caso de estudo e de intervenção” in *Invenire. Fiat Lux. Estudos sobre manuscritos iluminados em Portugal*. Revista de Bens Culturais da Igreja, nº especial, 2015, ISSN 1647-8487, pp. 82 - 93.
- Miranda, Adelaide (1996). A Iluminura Românica em Santa Cruz de Coimbra e Santa Maria de Alcobaça. Tese de Doutoramento, FCSH, UNL.
- Miranda, Adelaide e Melo, Maria João (2014). “Secrets et découvertes en couleur” in Adelaide Miranda e Alicia Miguélez (edit.) *Portuguese Studies on Medieval Illuminated Manuscripts*. Barcelona/Madrid, Brepols, 1 – 29.
- Miranda, Adelaide, Lemos, Ana, Claro, Ana, Miguel, Catarina e Melo, Maria João (2008). “A Cor na Iluminura Portuguesa uma abordagem interdisciplinar”, *Revista de História da Arte*, Lisboa: Instituto de História da Arte nº 5, 228-245.
- Murano, Giovanna (2005). *Opere diffuse per exemplar e pecia*. Turnhout: Brepols
- Nascimento, Aires (1985). “Reliure médiévale du Fonds Alcobaça dans la Bibliothèque Nationale de Lisbonne”, in *Calames et Cahiers – Mélanges* L. Gilissen, Bruxelles, pp. 107 -117.
- Nascimento, Aires (1992). “Le scriptorium d’Alcobaça: identité et corrélations” in *Lusitania Sacra*, 2º série, Tomo IV, pp. 149 – 162.
- Nascimento, Aires (2012a). “Percursos do livro na história da cultura portuguesa medieval,” in *Ler contra o Tempo. Condições dos textos na cultura portuguesa*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2012, pp. 269 – 317.
- Nascimento, Aires (2012b). “Iluminura, um traço distintivo,” in *Ler contra o Tempo. Condições dos textos na cultura portuguesa*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2012, pp. 319 - 326.
- Nascimento, Aires (2012c). “A imagem no texto: esplendor do livro e marcação de leitura no manuscrito medieval,” in *Ler contra o Tempo. Condições dos textos na cultura portuguesa*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2012, pp. 327 – 356.
- Nascimento, Aires (2016). *Os antigos códices de Lorvão. Balanço de pesquisa e recuperação de tradições*. Penacova: Município de Penacova.
- Nascimento, Aires A. e Diogo, António (1984). *Encadernação Portuguesa Medieval. Alcobaça*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda.
- Nebbiai, Donatella (2013). *Le discours des livres*. Rennes : Presses Universitaires de Rennes.

- Palazzo, Éric (1998). « Iconographie et liturgie dans les études médiévales aujourd'hui : un éclairage méthodologique » in *Cahiers de civilisation médiévale*, 41 (n° 161), Janeiro/Março
- Palazzo, Éric (2000). *Liturgie et société au Moyen Age*. Paris, Editions Aubier
- Pereira, Isaiás da Rosa (1973). “A Pécia em manuscritos universitários. Estudo de três códices alcobacenses dos séculos XIII e XIV” in *Anais da Academia Portuguesa de História*, vol. 22, pp. 245-267.
- Rosemann, Philipp (2007). *The story of a great medieval book. Peter Lombard's Sentences*. Toronto: University of Toronto Press.
- Saccetti, Ricardo (2013). “Questions et Sentences: l'enseignement entre la fin du XIIe et le début du XIIIe siècle” in *Les Débuts de l'enseignement universitaire à Paris (1200 – 1245 environ)*. Turnhout: Brepols, pp. 275 – 293.
- Sousa, Luís Correia de (2015). *Sacra Página*. Lisboa: Paulus Editora.
- Stirnemann, Patricia (2013). “La décoration” in *Lire le manuscrit médiéval*. Paris: Armand Colin, pp. 123 - 153.
- Tibúrcio, Catarina (2016). “O manuscrito da Crónica Geral de Espanha de 1344 da Academia das Ciências de Lisboa. Problematização em torno das questões da origem e da execução.” In *O fascínio do Gótico. Um tributo a José Custódio Vieira da Silva*. Lisboa: Artis, Faculdade Letras Universidade de Lisboa, pp. 87 – 104.
- Verger, Jacques (2013). “Que sait-on des institutions universitaires parisiennes avant 1245?” in *Les Débuts de l'enseignement universitaire à Paris (1200 – 1245 environ)*. Turnhout: Brepols, pp. 27 – 47.
- Weijers, Olga (2015). *A Scholar's paradise. Teaching and debating in Medieval Paris*. Turnhout: Brepols.



2017